

A LEITURA DOS JOVENS: ENTRE TEORIA E PRÁTICAS

DÉBORAH DE PAULA AREIAS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO).

Resumo

Na sociedade contemporânea, considera-se a leitura uma forma de ampliação do capital cultural, de acesso ao saber, de possibilitar novos caminhos e de desmistificar estereótipos. Assim sendo, faz-se necessário uma reflexão acerca das práticas de leitura no atual cenário social. Este trabalho busca relacionar algumas investigações teóricas e práticas recorrentes de leitura, analisando, inicialmente, como se deu a institucionalização destas práticas, em uma perspectiva histórica. Observa-se, inclusive, de que forma esse processo se desenvolve no cotidiano escolar, tendo como recorte principal as práticas de leitura dos jovens. Existem alguns discursos que afirmam o não interesse do jovem pela leitura ou o seu não exercício. Contudo, alguns discursos são de gênese duvidosa, pois não atentam para as formas alternativas de leitura presente no cotidiano juvenil, padronizando, assim, leituras ideais. Além disso, é válido analisar como a instituição escolar se faz presente no incentivo dessas formas de leitura. Ela permanece ratificando leituras socialmente legitimadas ou também oferece subsídios para os estudantes escolherem o que lhe for mais atrativo? Investiga-se, portanto, como a escola produz leituras incentivadas e de que maneira reage às práticas de leituras exercidas pelos jovens. Como bibliografia norteadora, utilizou-se, especialmente nesta etapa, o estudo de Michèle Petit, *Os jovens e a leitura – Uma nova perspectiva* (2008), dentre outros. Utilizou-se, também, como instrumento de investigação, o questionário focado nas práticas de leitura, aplicado em um colégio de formação de professores em nível normal na cidade do Rio de Janeiro. A faixa etária dos jovens varia entre 14 e 19 anos. Este trabalho é uma derivação da pesquisa “A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas” (2006), desenvolvida na Faculdade de Educação da UERJ, cuja finalidade é compreender as representações criadas em torno das práticas de leitura disseminadas na escola e na sociedade.

Palavras-chave:

Leitura incentivada, Escola pública, Contemporaneidade.

A gente tem vários motivos pra viver! Só que a gente, ou por ser jovem, ou não sei por que, a gente não descobriu! Acho que se todo mundo tivesse um sonho assim, quase impossível, e quisesse correr atrás do seu sonho, a gente viveria com muito mais intensidade! (Rosa, 15 anos, estudante).

A formação do leitor, em uma perspectiva de materialidade histórica[1], começa a ser desenvolvida a partir de elementos que favoreceram a expansão da prática da leitura, como a ampliação da imprensa, a expansão mercadológica do livro, a propagação da ideologia burguesa, entre outros. Em meados do século XVIII, a tipografia começa a se tornar uma atividade de moldes capitalistas, ou seja, direcionada para a obtenção de lucro. Além disso, existe outra vertente que contribui para a formação do leitor: a valorização das relações familiares.

Nos séculos XVIII e XIX, progride uma ideologia calcada no fortalecimento familiar, objetivando a consolidação do projeto burguês. Seguindo essa lógica, as relações entre os membros da família – autoridade paternal, amor fraterno, deveres concomitantes – contribuem para desenvolver o projeto de estrutura social burguesa, consolidando, assim, ideias e ideais. Nesse modelo, observa-se uma forte progressão do conceito de privacidade, onde determinadas práticas, ao invés de acontecerem coletivamente, se tornam cada vez mais individualizadas. A partir daí, intensifica-se a prática da leitura como gosto e opção de entretenimento.

Especificamente no Brasil, a produção de um sistema literário mostra-se visível ainda no período monárquico, em meados do século XIX. Durante esse período, observa-se, ainda que deficiente, um incentivo do governo em organizar a circulação da literatura e desenvolver uma sociedade leitora, surgindo, então, por parte dos autores e narradores, a preocupação em desenvolver estratégias para conquistar o leitor.

Dessa forma, surgem várias técnicas de condutas narrativas para manter a atenção e o interesse do leitor. Técnicas essas que preservam uma configuração quase paternalista no modo de desenvolver a leitura, indicando um constante receio de decepcioná-lo, convidando-o incessantemente a saborear as sensações dos romances, juntamente com o autor. Cita-se, como exemplo, Manuel Antônio de Almeida, em “Memórias de um Sargento de Milícias”, de 1854, onde o autor estabelece uma familiaridade com o leitor em diversas passagens da obra, como se estivesse participando da sua escrita. Observe-se:

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava. Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara de verdade (...) Toda esta cena que acabamos de descrever passou-se de manhã (Almeida, 2004: 12).

Durante todo esse período, portanto, observam-se recursos diversos para seduzir o leitor. Contudo, com o decorrer do tempo, as estratégias diferenciam-se, oscilando entre a cumplicidade, alteridade, identificação, entre outros. Neste contexto, surgem obras que se direcionam a um público específico, ou seja, que não têm a pretensão de alcançar a massa, mas, ao contrário, desenvolver sentimentos de pertencas, de comportamentos e valores.

A partir dessa constatação, pode-se observar que a constituição social se relaciona intimamente com as práticas de leituras, inclusive as literárias, presentes no cotidiano. Ou seja, em uma perspectiva histórica, admite-se que narrar a

história da modernização do Brasil é também relatar como se deram as formações das práticas de leitura. Sendo assim, o projeto de pesquisa *A Leitura do Jovem: Concepções e Práticas* (SILVA, 2006) objetiva investigar quais são as práticas de leitura presentes no cotidiano dos jovens. Para isso, buscou-se uma revisão teórica[2] sobre juventude e práticas de leitura, com vistas a subsidiar o desenvolvimento da pesquisa de campo em duas escolas do município do Rio de Janeiro: uma estadual e outra da rede privada. No presente trabalho, é relatada a experiência obtida na escola estadual, profissionalizante na modalidade de formação de professores, com jovens de 12 a 18 anos e alguns recortes dos resultados obtidos na aplicação de um questionário sobre práticas de leitura e algumas falas do primeiro Grupo Focal realizado[3] .

Entendendo que a prática de leitura está associada diretamente às constituições sociais, analisa-se como ela se torna presente na cultura contemporânea juvenil e quais elementos ela traz para a socialização dos jovens. Além disso, também se faz necessária a análise do papel da instituição escolar no desenvolvimento dessas práticas e como ela se utiliza da leitura para desenvolver cidadãos críticos e autônomos.

Admitindo-se a idéia da complexidade contemporânea das culturas juvenis, entende-se que a extensão de estereótipos presentes nessa camada social é vasta. A visão transitória e relativista dos valores sociais são conseqüências de uma cultura contemporânea que estimula o individualismo, ainda que velado. Tal aspecto reflete-se bastante no cotidiano do jovem. Hoje, relacionamentos afetivos, ofertas de emprego, entre outros, parecem ser elásticos, fazendo com que o jovem se prenda realmente a uma única certeza: a reversibilidade.

A busca obstinada por uma identidade também é característica das culturas juvenis. A utopia, o reconhecimento, a expressividade, a simbolização são elementos que fazem parte dessa busca. O jovem anseia pelo seu reconhecimento social, que a sociedade o perceba de alguma forma. Assim, ele vai investir em possibilidades múltiplas para a sua representação. Como Rosa afirma:

É porque é muita responsabilidade que a gente tem! Às vezes a gente acha que não vai conseguir! A gente acha que é muito peso, muita carga! É por isso que muitos jovens fazem coisa errada! Se envolvem com quem não deve... Porque a gente acha que... É... Muitos, muitos é um modo de chamar atenção! Cada um tem seu motivo...

E mais,

[...] Porque você fala assim: “Ah, eu não sou observado por ninguém... Se eu fizer isso vão...” Sabe? “Eu vou aparecer!” Aí vai lá e faz! Uns fazem por onda! [...] A gente tem vários motivos para viver! Só que a gente, ou por ser jovem, ou não sei o porquê, não sei, outro motivo... A gente não descobriu!

Ressalta-se ainda que o excesso de informação oferecida pela sociedade midiática faz com que o sujeito, neste caso o jovem, se encontre disperso com tantos caminhos a explorar. Observe-se a fala de um dos jovens pesquisados, aqui identificado pela cor Vermelha:

Ah! Porque... a gente adolescente tem muita coisa pra nossa cabeça! É muuuitos caminhos. Aliás, são muitos caminhos, são muitas opções, são, são... é muito pra gente! A gente fica perdido! Não tem pra onde correr! Aiii, isso embola minha cabeça toda!

Nesta perspectiva, revela-se uma postura de indecisão e de incerteza, já que, segundo a estudante, são vários caminhos a serem conhecidos. Em consequência dessa multiplicidade fica subentendido, inclusive, o sentimento de intensidade, ou seja, um profundo desejo de conhecer todos os caminhos ao mesmo tempo.

Por isso, há de se levar em conta que nenhuma sociedade é estática, e variações comportamentais são identificáveis social e historicamente. A questão é saber como esse jovem seduzido pela *modernidade* se relaciona com a leitura clássica, como a escola produz leituras incentivadas e de que forma o aluno recebe este estímulo. A leitura pode ser uma opção de lazer na vida do jovem carioca? Qual o valor da mediação em relação a essa prática? Adiante, essas questões serão discutidas mais claramente, não com a pretensão de se produzir uma resposta, mas, sim, de desenvolver uma reflexão sobre o cenário atual das práticas de leitura dos jovens.

A leitura não é simplesmente a decodificação de um código escrito. O hábito de ler exige, primeiramente, uma vigilância comportamental, pois, além de decifrar o escrito, ele interioriza um pensamento que lhe é externo. Ou seja, o ato de ler exige um desenvolvimento de habilidades linguísticas que diferem da fala espontânea. Além dessa aprendizagem comportamental, há um outro ponto que se refere especificamente ao desenvolvimento cognitivo, a partir do qual o jovem se dedica à leitura para ampliar o seu capital cultural e explorar o que ele ainda desconhece. A leitura subsidia também para o conhecimento da vida cotidiana e formação profissional, possibilitando uma reflexão mais profunda, um planejamento eficaz e uma visão mais ampla do pré-estabelecido.

Como afirma Petit:

Leer para tener acceso ao saber, en cualquier edad, es algo que puede ayudar además a no caer en la marginación, a conservar un poco los vínculos, a mantener el dominio sobre un mundo tan cambiante, en particular en lo que toca al acceso a diversos médios de información escrita. [4] (PETIT, 1999, p.66)

Hoje, a leitura constitui-se fundamentalmente em um artifício para não encontrar-se marginalizado, em termos de cultura letrada. Além disso, ainda que a leitura constante não certifique um bom escritor, é inegável o poder que ela tem em desenvolver raciocínios lógicos e estimular conversações dos mais variados temas.

Para o jovem, a leitura é um modo também de fugir da realidade, e, principalmente, para aqueles que pertencem a uma classe estigmatizada, a leitura proporciona uma desconstrução de estereótipos e de um futuro pré-determinado. A leitura se torna, assim, um fator determinante na ascensão do sujeito ou na construção de uma barreira social. Como afirma Petit, “la lengua es un pasaporte esencial para encontrar un lugar en la sociedade” [5] (1999, p. 69). A interiorização de pensamentos externos sobre os mais variados temas desenvolve no jovem um modo de raciocinar diferente do habitual. Isso pode diferenci-lo dos demais, pois, ao desenvolver outros pensamentos, ele começa a ter uma visão não generalizante do que está a sua volta, criando mais argumentos para possíveis contestações e não absorvendo pacificamente tudo que lhe é ditado.

A leitura pode definir o *status* social que o jovem ocupa na sociedade, pois (saber) ler é um meio de reconhecimento e valorização social. É importante, entretanto, que a leitura não seja reconhecida apenas por essa vertente, mas que esteja clara a ideia de que também é um caminho para escapar de verdades cristalizadas, de repetições e, principalmente, fazer com que ela se torne um subsídio para provocar mudanças sociais. A leitura, como fonte de acesso ao saber e como construção social, remete fundamentalmente a uma indagação: o que fazer com o saber adquirido e com a valorização social de quem lê? Um dos maiores receios de quem detém o monopólio do poder é que haja uma democratização profunda do conhecimento, principalmente através da leitura.

A lógica é pensar que a leitura se constitui em uma obra aberta, ou seja, sua interpretação é livre, de acordo com a ótica de quem lê. Nessa livre interpretação reside a possibilidade de se posicionar na sociedade e torna-se extramente perigoso para quem possui o “domínio correto” da leitura, pois a leitura a nível popular pode criar questionamentos que ponham em risco a organização social estabelecida. A leitura, portanto, tem o poder de oferecer ao jovem uma autonomia que a sociedade detentora do monopólio do que é “certo” tenta camuflar. Democracia na sociedade contemporânea, principalmente entre os grupos juvenis, se refere a ter acesso ao consumo e não participação ativa na vida social a que ele pertence. Neste sentido, a leitura representa um meio de desconstrução de barreiras sociais.

As práticas de socialização incentivadas pela escola vão interferir diretamente na maneira como o indivíduo agirá na sociedade, já que a educação (institucionalizada ou não) não é neutra, pois, pode ser considerada, inclusive, um aparelho ideológico de Estado. Como afirma Cortella, “para aqueles que discordam da forma como nossa sociedade se organiza, (é necessário) construir coletivamente os espaços de inovação na prática educativa” (1998, p. 137). Dessa maneira, é válido refletir sobre uma questão que será discutida mais adiante: se o papel da escola é desconstruir a forma de organização social vigente, buscando inovações políticas e sociais, como ela o faz? Ou ainda, se a escola intenciona ser um agente do ideário dominante, perpetuando o “sistema”, como ela o faz?

Cagliari (1989) afirma que o não incentivo da leitura pela escola deve-se ao fato de que é mais fácil corrigir a escrita do que “corrigir” o modo como o aluno lê, ou seja, nunca se sabe o que o aluno faz com a apropriação da leitura feita. A partir daí, as novas concepções, as dúvidas, os questionamentos que surgem podem constituir-se em novas formas de ver o mundo, gerando certo receio nas camadas dominadoras. Isso responderia a pergunta final feita no tópico anterior: como a escola se utiliza da leitura para cumprir o seu papel? A questão não é se a escola anseia *perpetuar o sistema* ou *provocar mudanças sociais*. O ponto a ser refletido é se ela utiliza os artefatos literários para desempenhar seu papel social.

Na perspectiva da escola estadual pesquisada, pôde-se investigar essa questão. Ao estabelecer conversa informal com um dos alunos, os pesquisadores questionaram sobre a prática de leitura na escola, e a resposta foi: “Aqui a gente não recebe nenhum incentivo. A biblioteca está fechada há quase um ano... dizem que está em obras...”. Muitas outras também não favorecem aos alunos um contato variado com os textos literários, restringindo-se somente a leituras de disciplinas isoladas. Essa restrição gera consequências na progressão do gosto pela leitura. Como mostra o anexo 1, muitos alunos não realizam seu gosto de leitura preferido, mas leem o que a escola impõe.

Como afirma Petit, “No se entra en la lectura o en la literatura como se abraza una religión” [1] (PETIT, 1999, p. 179). É preciso, portanto, que haja uma forma de mediação entre o livro e o leitor, ou seja, uma mediação para o desenvolvimento da prática de leitura. Um dos entrevistados de Petit afirma que, “No es la escuela, no es la institución: son los maestros quienes me enseñaron” [2] (p. 165).

Este comentário ratifica a ideia de que o desejo e a curiosidade do aluno por ler muitas vezes estão relacionados com o incentivo do professor. Salienta-se ainda que o professor também deve ser um agente de leitura. O gosto por ler não pode ser bem desenvolvido se ele não vive essa experiência. Algumas vezes, pela dificuldade da escola flexibilizar seu projeto político pedagógico, os professores se acomodam em não estimular as mudanças dos programas e, ao encontrar seus alunos apáticos, fortalecem um círculo vicioso.

Dessa forma, indaga-se a possível existência de outros espaços de formação de leitores. De acordo com os números revelados através da aplicação dos questionários no colégio pesquisado, a família revelou-se uma das maiores incentivadoras para a prática da leitura. Engana-se quem pensa que o ler fica restrito somente às paredes da instituição escolar. Na maior parte, os alunos recebem estímulos para continuar seus estudos na família e não na escola, que possibilita, na maior parte das vezes, somente leituras obrigatórias. Em um dos questionamentos, perguntou-se qual era o lugar em que os jovens recebiam maior incentivo para ler. Os citados foram (em ordem de maior número de respostas para menor):

- residência;
- escola;
- igreja;
- teatro;
- trabalho.

Dessa forma, o discurso de que o jovem é apático parece ser desenvolvido no seio de uma sociedade ideologicamente burguesa, na qual estão pré-estabelecidos padrões culturais a serem legitimados e seguidos. Além disso, um desses discursos também pode remeter, implicitamente, a uma lembrança nostálgica ao modelo utilizado para representação de leitura dos séculos passados, com veneração e centralização. Segundo PETIT, “uma nostalgia dessa cena mítica, onde todos se reuniam em torno do patriarca que, sozinho, falava. Um desejo de restauração dessa autoridade antiga que a leitura exatamente contribuiu para enfraquecer” (p.

45). Na sociedade contemporânea, a juventude é definida não só como fase específica da vida, mas também como categoria administrativa. Nesta perspectiva, existe a concepção de que as gerações passadas devem instruir, domesticar e direcionar as gerações presentes para um futuro pré-definido, onde a vida social deve se refletir no que já foi. Desde os primórdios, como mostrado inicialmente, há uma tendência em se utilizar as práticas de leitura como meio de valorização comportamental e institucionalização de valores. Porém, estas mesmas práticas hoje tomam para si um sentido de libertação.

Em relação a escola pesquisada, a conclusão que pode ser tirada é que não foi perceptível o espaço para o desenvolvimento de leituras espontâneas, inclusive para o desenvolvimento de leituras clássicas. As práticas de leitura se restringiam ao material didático. Ressalta-se que se trata de uma escola de formação de professores em nível normal. Em um dado momento da pesquisa, pôde-se utilizar a biblioteca como espaço de discussão entre os estudantes e os pesquisadores. Observou-se um amplo espaço físico, com disposição de vasto acervo literário, mas que servia de depósito de trabalhos já expostos, como maquetes e cartazes. Muitos alunos sequer haviam entrado na biblioteca, mesmo reconhecendo-a como espaço de mediação para leitura.

Buscando seu reconhecimento e pertença social e encontrando na sociedade os espaços já preenchidos e os conhecimentos constituídos, sobre o jovem recai o modelo de resistente à ação socializadora. Contudo, é preciso considerar que a leitura estimula a inclusão social. Mesmo não valorizando suas práticas de leitura, os jovens, com os quais convivemos durante a pesquisa, leem. A análise das relações de leitura neste recorte leva-nos a perceber que, o jovem lê e reconhece o potencial da leitura. Contudo, é na instituição escolar que se encontra a maior dificuldade em ter acesso ao saber, em desconstruir barreiras sociais e desmistificar estereótipos através das práticas de leitura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de Um Sargento de Milícias*. Coleção Clássicos da Literatura, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989.

CORTELLA, Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 1998. cap. IV.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da Leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MENDES, Maria Isabel. *Culturas juvenis – novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.. 2006.

PETIT, Michele. *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura*. México. Fondo de Cultura Económica. Colección Espacios para la Lectura, 1999.

PETIT, Michele. *Os Jovens e a Leitura: Uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza – São Paulo: Ed. 34, 2008

SEVERIANO, Maria de Fátima, ESTRAMIANA, José Luis. *Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas – uma análise psicossocial*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.

[1] Não se entra na leitura ou na literatura como se abraça uma religião

[2] Não foi a escola, não foi a instituição: foram os professores quem me ensinaram.

[1] Entende-se que leitor é todo aquele que decifra determinado código. Dessa forma, desde os primórdios humanos, é certo considerar que sempre existiram leitores.

[2] Neste estudo, a leitura norteadora é *Nuevos acercamientos a los jóvenes y la lectura – Michele Petit (1999)*

[3] Como metodologia, utilizou-se um questionário com perguntas de múltipla escolha e discursivas. Na segunda etapa da pesquisa, optou-se pela utilização do Grupo Focal. Foram realizados cinco grupos focais, com cinco estudantes cada, identificados pelo nome de uma cor.

[4] Em qualquer idade, ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha um pouco o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita..

[5] A língua é um passaporte essencial para encontrar um lugar na sociedade

Diferença entre o gosto e a prática do leitor



Diferenciam sua prática de leitura da que deveria ser realizada pelo leitor ideal ?

